

O TEMPO NA FILOSOFIA ANTIGA E DA IDADE MÉDIA

Jan G.J. ter Reegen*

Introdução

Todos somos pessoas que não somente vivem no tempo e sob o manto do tempo; sem dúvida, somos tempo. Toda a nossa história se desenvolve no tempo, e é marcada por seu avanço, implacável. Por exemplo, nestes dias, faz 50 anos que cheguei ao Brasil, provindo da Itália, onde estudei por 03 anos, depois de ter vivido 23 anos na Holanda.

Naqueles dias, o Seminário da Prainha estava na boca do mundo clerical: a celebração dos seus 100 anos de fundação coincidiu com uma crise acentuada entre a direção/corpo docente e o corpo discente, entre outros fatores, originada pelo “aggiornamento” da Igreja, vivida e promovida pelo Concílio Vaticano II, em pleno funcionamento. Tal situação acentuou e agravou-se, levando à saída da Congregação das Missões – os Lazaristas – do Seminário e a entrega de sua direção ao clero arquidiocesano, até à hora do seu encerramento alguns anos mais tarde. Vivenciei, ainda, como professor de Liturgia os últimos momentos da Seminário.

Considero uma honra haver participado e, ainda, participar da evolução desta Casa, agora renovada, depois de múltiplas peripécias, e rejuvenescida como Faculdade Católica de Fortaleza, que é uma seiva que faz crescer, não somente em volume, mas, sobretudo, em profundidade, a dedicação ao pensar filosófico e teológico do nosso tempo: *Cooperatores Veritatis*.

I - O pensar a respeito do Tempo na Filosofia Antiga e da Idade Média.

O tema central da minha conferência é o Tempo na Filosofia Antiga e na Filosofia Medieval. Vou abordar o tema em dois níveis¹:

¹ Não numa perspectiva que envolve muitos nomes e teorias, como, por exemplo, na publicação *Tempo e Eternidadena Idade Média*. Organizadores: TER REEGEN, Jan G.J., DE BONI, L.A.; COSTA, M.N. Porto Alegre: EST/Edições, 2007.

como se *pensa* e como se *vive* o tempo nestas duas épocas, fundamentais para a cultura humana, mediante uma exposição dos aspectos mais importantes e adequados – tanto do pensar como do viver - que possam levar a um entendimento mais aprofundado, e por isso seguro, sem o perigo de cair num superficial e estéril historicismo.

Pode-se lembrar das palavras de Parmênides, para quem “pensar e viver são a mesma coisa”², embora nem sempre o próprio viver seja o caminho do pensar de forma rigorosa ou automática.

I. A – Pensar o Tempo na Filosofia Antiga

Na Mitologia Grega encontra-se um momento rico e profundo em que já se vislumbra o pensar filosófico do homem grego. Isto se manifesta por meio de perguntas básicas sobre questões fundamentais do homem e do seu mundo, entre outras o tempo, linha que vem sendo puxada num tear de forma arbitrária, sob o domínio absoluto das Moiras, “as potestades do destino”³ que nada tem de racional, mas são puro acaso. Além disso, se encontra um tempo cíclico, simbolizado na história do Cronos, que devorava, um após o outro, os filhos que lhe nasciam. Num determinado momento, no entanto, induzido, os filhos ao tempo, vomitando-os em ordem inversa, sendo destarte Zeus o primeiro, fazendo o tempo voltar.

Para indicar o tempo é, também, usada a palavra “aioon”, uma realidade que até hoje perambula entre Filosofia e Teologia, com alguns novos aspectos significativos, diferentes do original, porque o “aioon”, embora o tempo esteja presente no seu conceito, quer, sobretudo, dizer força de vida, fonte de virilidade, tempo de vida. O conceito desenvolveu-se para o significado de eternidade, não exatamente como uma duração sem fim, mas como um processo que acaba⁴.

1- No início da história da Filosofia, embora não sejam as primeiras, destacam-se as figuras de Anaximandro e Empédocles. O

² ANAXIMANDRO, PARMENIDES, HERACLITO. Os Pensadores Originários. Introdução, LEÃO, E.C., Tradução, LEÃO, E.C. e WRUBLESWKI. Petrópolis: Vozes 1991, p.45.

³ SISSA, G. e DETIENNE, M. Os Deuses Gregos. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.267.

⁴ REALE, G. *Historia da Filosofia Antiga*. vol. V. Tradução LIMA VAZ, H.L. e PERINE, M. São Paulo:, Edições Loyola, 1995, p. 102. Cfr., também, PEETERS, F.E. *Termos filosóficos Gregos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 18.

primeiro enuncia, numa frase famosa e de custosa interpretação e compreensão⁵:

Todas as coisas se dissipam onde tiveram a sua gênese, conforme a necessidade, pois pagam umas às outras castigo e expiação, conforme a determinação do tempo.

Desta forma explica-se que há um tempo de nascer e de morrer e de que tudo tem o seu tempo.

2- A mesma realidade, isto, é a da sucessão do tempo num ritmo cíclico é explicada nas grandes e belas poesias de Empédocles: *Sobre a Natureza* e *As Purificações*.⁶ Na primeira, encontram-se as ideias de *Amor e Ódio*, ou *Atração e Rejeição*, que formam um eterno “vai e volta”, em que as coisas se amam e se odeiam, se unem e se separam, se aproximam e se distanciam, deixando bem claro que a união e a separação acontecem numa infinita sucessão, deixando entrever não somente a eternidade do movimento, mas igualmente a do tempo.

3- Na mesma linha, desenvolve-se o pensamento dos pitagóricos⁷, que, com a sua reflexão místico-científica, nos confronta, na linha do pensamento de Anaximandro, com os conceitos de limitado e ilimitado, onde – entre as várias manifestações deste bônimo – surge o tempo, expresso em números. Esta linha se encontra aperfeiçoada, no sentido de “desmistificada” no pensamento aristotélico.

4- Chegamos a Platão, que descreve “o” homem como imortal, e nesta perspectiva uma tradição lhe atribui e tenta elucidar a sua apresentação do tempo como “imagem móvel da eternidade”. (Tim. 37 d.5). Deste modo, o tempo se exprime como uma imagem da manifestação de uma presença que nunca passa, a qual indica o “agora”, um momento atual. Assim se chega, de certa forma, a uma dimensão espiritual do tempo, expressa num belíssimo trecho do diálogo Timeu – um dos mais complexos e ricos da obra platônica:-

[...] ora, quando o pai que o gerou percebeu que tinha gerado uma imagem dos deuses eternos, dotada de movimento e de vida, alegrou-se e,

⁵ Esta é a versão de BORNHEIM, G. Há várias traduções nas fontes disponíveis, e.o. de KIRK-RAVEN: *E a fonte das gerações das coisas que existem é aquela em que se verifica também a destruição segundo a necessidade, pois pagam castigo e retribuição uns aos outros, pela sua injustiça, de acordo com o decreto do Tempo*. Os Filósofos Pré-socráticos. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1985, p.115.

⁶ BORNHEIM, o.c.p. 67.

⁷ Evito usar “Pitágoras”, porque é sabido que não temos nenhum escrito dele, tudo é fruto dos relatos dos seus discípulos e das “doxografias”.

de satisfeito que estava, reflectiu na maneira de a tornar ainda mais semelhante ao paradigma. E, como o paradigma é um ser vivo eterno, empreendeu tornar este universo, na medida do possível, igualmente eterno. Porém, acontecendo que a natureza daquele ser vivo é eterna, não era possível adaptá-la completamente ao universo gerado; foi por isso que concebeu produzir uma imagem móvel da eternidade. Assim, ao ordenar o céu, produziu uma imagem eterna da eternidade, que permanece na unidade, imagem essa que se move segundo um número, e que é aquilo a que chamamos tempo. Efetivamente, os dias e as noites, os meses e os anos, não existiam antes de o céu ter sido gerado; pois foi ao mesmo tempo que constituía este que produziu também a geração daqueles; e todos eles são parte do tempo. E o que era e o que será são formas geradas do tempo, as quais aplicamos incorrectamente à substância eterna, esquecendo a sua natureza; de facto, dizemos que foi, que é e que será, quando “e” é a única expressão que se lhe aplica com verdade, enquanto “era” e “será” são expressões que convêm àquilo que se gera e se move no tempo – porque são ambos movimentos. Mas, àquilo que permanece sempre, sem se mover, não se aplica tornar-se mais velho, nem tornar-se mais novo, com a passagem do tempo, nem ter sido gerado no passado, nem ser gerado agora, nem vir a ser no futuro, nem nenhuma daquelas coisas que a geração juntou àquilo que se move na ordem sensível, uma vez que estas coisas são formas do tempo que imita a eternidade e que gira em círculos segundo o número⁸.

5- Com Aristóteles, que para os filósofos árabes da Idade Média e seus comentaristas é considerado um pensador maior do que Platão, inicia-se uma reflexão “mais física” e extensa, talvez mais profunda, visto que ele vê o tempo como uma realidade impreterivelmente ligada ao movimento. Sabendo que para Aristóteles o movimento é eterno, consequentemente, o será, também, o tempo. Na sua obra *Física*, o Estagirita afirma isto claramente, quando define o tempo “como o número de um movimento segundo o anterior e o posterior” e tornando-se mais preciso ainda quando afirma que “o tempo é aquilo por meio de que o movimento tem um número”⁹. Mas, onde existe o tempo?

[...] “nas coisas”, como nos parece, ou será ele dependente da alma, tal qual um número não pode existir sem alguém que conte (*Física*, IV,11, 219b 1-3). Ele adota uma solução de compromisso: existe sim, por assim dizer, um tempo nas coisas, mas ele só é em potência; é uma coisa indeterminada “o que faz que haja tempo” e que só se torna tempo quando é apreendido como tal por um ato da alma que “afirma” que o

⁸ PLATÃO, *Timeu*, Introdução de Trindade dos Santos, tradução de Maria José Figueiredo, Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

⁹ ARISTÓTELES, *Física* IV, 10-16.)

“agora” presente é distinto de um “agora” anterior. [...] O tempo é contínuo, ou seja, indefinidamente divisível; um “agora” não pode ser contíguo a um outro “agora”. [...] ele é infinito [...] ele existe de uma forma original, como um dia que passa ou uma luta que se desenrola, sendo que “o que se apreende não permanece” (Física, III, 6, 206^a21-25, b13-14; 208^a20-21) ... [...] O futuro é qualitativa e ontologicamente diferente do passado, o que se traduz pelo estatuto lógico muito particular dos enunciados no futuro a respeito de fatos singulares [...] ¹⁰

6- No fim do período clássico, chama atenção a figura de Plotino, expressão máxima do Neoplatonismo Primeiro, em que – embora com ênfase em Platão – encontramos uma síntese entre o pensamento deste e Aristóteles.¹¹ Para Plotino, o tempo está ligado à vida da alma em movimento, quando passa de um a outro, de uma experiência a outra. Na *Terceira Eneada*, Trat. III, 7 cap. 7-13, descreve o que o tempo *não* é: o tempo não é o movimento, nem todo movimento, nem o da esfera celestial; nem mesmo é a esfera celestial. O tempo não pode ser considerado a medida do movimento, tanto como um movimento medido, quanto um número abstrato medidor nem como o sujeito que mede; afinal, o tempo não é concomitante do movimento. O que é, porém, então, o tempo? Plotino oferece a seguinte definição: é a vida da Alma em movimento de transição de um modo de vida a outro em contraste com a eternidade como Vida Imutável. Sendo assim, ele é a prolongação da vida e atividade contínua da Alma no cosmos, desenvolvendo-se numa série sucessiva de mudanças regulares e similares.

7- Como figura situada no fim do Pensamento Antigo Tardio – outros já a colocam como início da Idade Média Alta – onde se constata o profundo encontro do pensamento pagão com o pensamento cristão, destaca-se a pessoa de Santo Agostinho, o bispo de Hipona. Num aprofundamento do seu pensar sobre o tempo, encontram-se alguns escritos seus que se impõem. Além dos capítulos 11, 12 e 13 das *Confissões*, são importantes seus *Comentários sobre os Livros do Gênesis*.

A inspiração do que se segue é baseada num ensaio do estudioso luterano finlandês Knuutila¹². Quando, depois de refletir sobre a questão posta por Agostinho nas *Confissões* - “o que Deus estava fazendo antes de

¹⁰ PELLEGRIN, P. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução, de Berliner, Claudia. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.63-65.

¹¹ PLOTINO, *Eneadas III-IV – El tiempo, 7-13. Introducción y notas de Jesús Igal*. Madrid, Editora Gredos, 1985.

¹² KNUUTILA, Simo. Time and creation in Augustin. In: *The Cambridge Companion to Augustin*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 103-116.

criar o mundo” e “Deus criou tudo o que ele podia criar?” - inicia sua exposição com aquele jogadinho de palavras de Santo Agostinho, quando esta diz: “E como responder a quem pergunta o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra”? Não vou responder como aquele, que segundo se narra, respondeu contornando com graça a dificuldade da pergunta: Deus preparava o inferno para aqueles que perscrutam os profundos mistérios. Agostinho diz: “não vou responder assim!, pois uma coisa é procurar compreender, outra é querer brincar”. Preferiu dizer: não sei. E continua dizendo: “se ninguém me perguntar a respeito do tempo eu sei, porém, se eu quiser explicar àquele que me perguntou, já não sei”... Então, o que tem que ser colocado como ponto básico é que toda a criação se constitui uma atualização da eterna e imutável decisão de Deus. Uma decisão no caso de Deus não implica uma mudança no querer ou na vontade; além disso, Deus sem fazer nada antes não tem sentido, porque Deus antecede o mundo criado no sentido temporal. É nesta linha que Agostino argumenta que a prática de medir o tempo é temporal, baseada no fato de que a consciência humana funciona antecipando o futuro, lembrando o passado e estando acordada, tendo bem vivo na consciência o presente por meio da percepção. Por intermédio desta distensão da alma, temos em nossa memória imagens de coisas que eram presentes e que passaram. Por isso temos na alma o presente do passado que é a memória. E a presença do futuro que é a antecipação ou a expectativa, neste caso, o tempo existe como a distensão da alma. Para medir o tempo, conseqüentemente, é necessário medir extensores temporais entre impressões de acontecimentos bem passados, que, pois, já se foram, causaram na alma. Eventos passados não existem; quando a duração entre eles é medida a consciência, presença do passado, é associada à consciência do movimento, medido no passado.

I- B. O pensar a respeito do Tempo na Idade Média

1- Em seguida, já nos situando em plena Idade Média, algumas considerações sobre São Tomás de Aquino. Este deixa bem claro que nós somos tempo, somos passado e presente. Fica, porém, a pergunta: somos futuro? Pode-se afirmar que o Aquinate, inspirado por Alberto Magno, segue a linha do pensamento de Aristóteles, em quem estão presentes as ideias de lugar, geração, corrupção, mudança, envelhecimento, tudo isto, entretanto, numa perspectiva nova: o pensamento cristão. Em São Tomás aquela tentativa de síntese entre o pensar “pagão” e o “cristão” - não bem-sucedido em todas as suas teses, nem sempre resistente a estudos posteriores - torna-se profundamente inspiradora para a reflexão tanto

filosófica como teológica. Quando o Doutor Angélico coloca enfaticamente como fontes da ciência teológica a Fé e a Razão, afirma, além de sua fé nas Escrituras, o seu seguimento e a aceitação de Aristóteles, embora esta opção nem sempre tenha sido bem compreendida por muitos de seus contemporâneos¹³.

Em conceber Deus como a própria imobilidade, como a própria permanência do ser, afirma categoricamente que a medida de Deus é a eternidade: Deus é a própria eternidade. Em outras palavras, Ele não *tem* o ser, mas *é* o próprio ser. O tempo é uma numeração, uma contabilidade, uma cronometragem; ele é o número desta realidade, o tempo, que foi criada por Deus. É como se expressa Carlos Nouguê:

[...] E enquanto Deus tem por medida a eternidade, ou seja, a posse total, simultânea e completa da vida interminável, têm os anjos por medida a eviternidade, ou seja, aquilo que por certo ângulo se assemelha a Deus e a certo ângulo se assemelha ao que está imerso no tempo. Assim é a eternidade ou evo; é exatamente a medida intermediária entre a eternidade e o tempo. Só se aplica aos anjos o antes, a medida, o número, segundo o antes e o depois do seu modo de pensar. Quanto à mutabilidade que é própria do seu modo de pensar¹⁴.

São Tomás é firme na sua afirmação de que o tempo foi criado, não é eterno, e neste ponto não hesita, embora nem sempre consiga explicar este seu ponto de vista, mais baseado nas Escrituras, do que de modo racional¹⁵.

2- Embora contemporâneo e colega de magistério na Faculdade de Teologia da Universidade de Paris¹⁶, São Boaventura, no seu pensar sobre o tempo, associa esta realidade à “produção total do mundo no ser, no tempo e do nada por um primeiro princípio”, segundo a tríplice

¹³ Cfr ANONIMO, *De pomo sive de morte Aristotelis. A maçã ou sobre a morte de Aristoteles*. Tradução e Introdução de TER REEGEN, Jan G.J. Fortaleza: EDUECE, 2005.

¹⁴ NOUGUÊ, Carlos. Tempo e Eternidade em Santo Tomas de Aquino. *Mirabilia 11, jan/fev. 2010, p. 183*.

¹⁵ Tomás acredita na criação do tempo, baseado na sua fé nas Escrituras, embora filosoficamente não tenha a mesma certeza. Boaventura professa, sem nenhuma restrição, sua fé na criação do tempo. Boécio de Dácia, como filósofo aristotelizante que é, defende a eternidade do tempo.

¹⁶ Há um comentário malicioso de Rogério Bacon em que ele se refere a “meninos teólogos” quase com certeza pensando em Tomás e Boventura. Cfr. Carta a Clemente IV, em: OBRAS ESCOLHIDAS, Introdução de Jan G. J. ter Reegen. Tradução de Jan G. J. ter Reegen e Orlando A. Bernardi. Porto Alegre/Bragança Paulista: Edipucrs/Edições Universidade São Francisco, 2006.

causalidade eficiente, exemplar e final¹⁷. Desta forma, rejeita categoricamente a eternidade do mundo. A criação está marcada pelo tempo, visto que se desenvolve numa sucessão e variação, também chamada de passado e futuro. Em vão procura-se este fenômeno na eternidade, porque

[...] o Ser Divino nada recebe, é simples e infinito, carecendo de princípio e fim e de prioridade posterioridade. Mas a distensão e a sucessão existem em Deus - o mundo existe em Deus¹⁸.

Ele se encontra em todos os lugares, mas não se distende por eles, como está em todos os tempos. Assim, criação e tempo se tornam vestígio dEle. Volta-se, desta forma, à tese de que somos o tempo e do tempo, porque o tempo está em tudo.

3- Um pensamento que se distancia das opiniões dos filósofos e teólogos do século XIII encontramos na pessoa do Beato João Duns Scoto, que – para Alain de Libera – “não apenas desfez tudo que Tomás de Aquino havia feito, mas também abriu caminho para seus mais decididos adversários”¹⁹ Exageros à parte, encontram-se no Doutor Sutil novos, talvez melhor dizendo, outros caminhos do que os de seus antecessores, quando aprofunda e repensa conceitos, opondo-se a verdades aceitas até então, desta forma enriquecendo a reflexão racional. Não obstante a “sutileza” acentuada do seu pensamento, não se pode deixar de fora a sua opinião sobre o problema “tempo”.

Duns Scotus elaborou o seu pensar sobre o tempo na convicção de que o mundo contingente está marcado pela temporalidade. Distancia-se, portanto, da

[...] concepção agostiniana-boaventuriana, segundo a qual o tempo está em tudo aquilo que tem o ser depois de haver saltado do nada, quer dizer o tempo afeta todo o criado. [...] O franciscano escocês critica esta tese, porque o nada ou o não ser não tem nenhuma medida e, por isso, não tem justificação a medida do salto do não ser ao ser²⁰.

¹⁷ ROCHA, A. M. Linguagem e Tempo em São Boaventura. EM: *Tempo e Eternidade na Idade Média*. Organizadores: Jan G.J. ter Reegen, De Boni, L.A., Costa, Marcos Nunes. Porto Alegre: Est Edições, 2006, p. 98.

¹⁸ ROCHA, A. M., o.c. 99.

¹⁹ LIBERA, Alain de, *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Edições Loyola, p.419. Etienne Gilson é mais brando na sua avaliação: Duns Scotus permanece de acordo com São Tomás sobre as teses fundamentais da Filosofia, mas, percebe-se, refletindo que ele as entende num novo sentido (*Filosofia Medieval*, São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 751)

²⁰ MERENO, J. A. Metafísica. Em: *Manual de Filosofia*, MEREINO, J.A. e Fresneda, F. M. (coordenadores) Petrópolis: FFB/Editora Vozes, 2006, p. 136.

Assim entendido deve se afirmar que é a continuidade que mede o movimento e não a descontinuidade. Além disso, Scotus critica, também, o fundamento que se dá unicidade do tempo, argumentando que o tempo que

[...] é a medida da variação causada pela matéria, que sempre anela revestir-se com uma nova forma, e dado que a forma é uma em todas as realidades materiais, por isso deve defender-se que o tempo também é uno²¹.

Para Scotus, no esteio de Aristóteles, tempo é estar no e ligado ao número. Assim invoca o movimento, não no sentido “do devir metafísico, mas o movimento acidental, que é posterior à quietude²².

Assim sendo, assim na perspectiva de Merino,

O tempo é medida *uniforme*, enquanto, considerado em si, é idêntico a si mesmo; mas afirma-se como *sucessiva* enquanto é quantidade; e afinal, é contínua, já que o instante temporal continua as duas partes do tempo, isto é, o passado e o futuro²³.

II- O viver do tempo

1 A vivência do tempo na Antiguidade

1- Não constitui exagero afirmar que os gregos, de modo especial na época helênica, viveram o tempo de modo ordenado, sabendo-se inseridos no grande movimento do *kosmos*, de forma ética e política, convencidos de que eles têm que ser ao mesmo tempo bons sujeitos para serem bons cidadãos. Tudo isso naquela consciência orgulhosamente assumida: o tempo, lugar, o próprio homem é grego! Os outros são os bárbaros, não sabem falar, os seus deuses são nada, afinal eles são os “sem cultura”. Por isso o caráter totalmente *sui generis* da colonização helênica. Sem dúvida, pode-se afirmar que os gregos assumiram a dignidade da raça humana e a exploraram, tentando dar a essa consciência de serem especiais – Só eles os verdadeiros homens – expressão em poesia, prosa e arquitetura. A leitura de Hesíodo, descrevendo as cinco raças na sua *Os trabalhos e os dias*²⁴, podendo ser considerada como a aventuras dos homens no tempo, deixa o homem de

²¹ MERINO, J.A., o.c. p.136.

²² MERINO, J.A., o.c. p. 136.

²³ MERINO, J.A., o.c. p. 137.

²⁴ HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, Tradução e comentários de LAFER, Mary de Camargo Neves. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 31-33.

hoje, ainda, cheio de admiração. Da mesma forma, a história da guerra de Troia e a sua sequência nas viagens de Odisseu – tudo se desenvolvendo submisso ao tempo dos desígnios divinos - encanta quando como que mergulha o leitor moderno naquela cultura que enaltece as virtudes – a excelência – tanto guerreiras como morais²⁵. Talvez não exista maior expressão da vivência do tempo dos antigos gregos do que a celebração a cada quatro anos da grandiosa festa, em que todo o mundo grego se reunia, os Jogos Olímpicos²⁶.

Fora e acima de tudo isto está o esforço de se tornarem e viverem como sábios, como se expressa no nascimento e no desenvolvimento da filosofia: ver e viver a realidade no todo, na *physis*, na grandiosa ordem do kosmos²⁷.

2- A vivência dos tempos dos medievais²⁸.

O tempo da Idade Média é, em primeiro lugar, um tempo de Deus e da terra, depois, dos senhores e dos que estão sujeitos ao senhorio, depois – sem que os tempos precedentes tenham deixado de ser presentes e exigentes – um tempo das cidades e dos mercadores, e, finalmente, um tempo do príncipe e do indivíduo²⁹.

A principal referência para este tema são incontestavelmente os estudos e pesquisas de Jacques Le Goff, que deram início a uma série de complementações nos últimos decênios³⁰. Ele descreve o tempo depois da confusão do fim da época do Império Romano, sobretudo do Ocidental, em que se vivia, no esteio da cultura helenística, de modo orgulhoso e provocante - almejando impor e organizar - o mundo de acordo com o conceito da “Paz Romana”.

²⁵ HOMERO, *Ilíade e Odisséia*.

²⁶ A contagem inicia-se em 776, durante a primeira vaga de colonização, expressando a ideia do pan-helenismo, numa consciência aguda de sua unidade política, religiosa e cultural. Cf. AMOURETTI, M-C. e RUZÉ, Fr., *O mundo grego*. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1993, 146.

²⁷ De outra forma, mas não menos arrogantes, os romanos se consideraram os donos do tempo. A sua contagem da história, por exemplo, é contada *ab urbe condita*, a partir da fundação da cidade, i.e., Roma, que corresponde ao ano 754, data em que Rômulo foi escolhido para fundar a cidade Cf. CRISTOL, M. e NONY, D., *Roma e seu Império*. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1993, 44.

²⁸ Aborda-se, aqui, quase exclusivamente o Medievo latino-ocidental, não por posição ideológica, mas por falta de oportunidade – por falta de tempo e espaço - de uma aproximação mais segura do Medievo oriental, especialmente judaico, bizantino e árabe.

²⁹ LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-CLAUDE. Tempo, em *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol. II. Bauru SP: EDUSC, 2006, p.531-541.

³⁰ Cf. RUST Mirabilia, Rust, maria manuela

Depois daquela época, surgiu um tempo em que se tenta juntar o que restou da cultura grego-romana com as culturas – sem dúvida, inferiores - das tribos invasoras, como os Godos – tanto os Visi como os Ostro - Francos, Germanos e com algumas sobreviventes como os Celtas e os Frisões. Mais tarde, segue-se ainda a integração com as tribos nórdicas, e com algumas de origem oriental, como os magyares. Não era uma tarefa simples, sobretudo ao observar que depois de uma vivência que deve ser considerada com uma quase restauração, fraca e apagada, do Império Romano, que é o império efêmero Carolíngio³¹, que sofre e luta – e sucumbe – quando o mundo é acossado por três ondas de novas invasões: os vikings ou normandos, que devastaram não somente toda a região costeira, mas através dos rios Reno, Sena e outros, chegam à Colônia, Lutécia³², Dorestad³³, e outras; conseguiram estabelecer-se em Normandia e Sicília. Do outro lado atacam os Húngaros e do sul vem a onda vitoriosa dos Árabes, que, afinal, se fixam em baixo dos Pirineus.

A partir do ano mil surge um novo, outra situação cultural em razão de circunstâncias variadas, no meio das quais é importante ressaltar a mudança climática, que favorece a agricultura - e diminui a fome - um crescimento demográfico, que restaura as cidades antigas e faz surgir outras, o que, por sua vez, restabelece as antigas rotas comerciais e cria outras. Além disso, este novo tempo se revela e manifesta na Filosofia e Teologia, com figuras como, entre outras, Anselmo e Abelardo, e, mais tarde, nas famosas escolas de Chartres, Troyes, Toulouse e Saint Victor, entre outras³⁴.

Costuma-se, com Le Goff, dividir o Tempo Medieval em tempo da igreja e tempo do mercador, tempo clerical e leigo, rural e urbano, sacramental e pragmático. Completando esta visão, Maria Manuela Lima da Purificação³⁵ apresenta uma contextualização da Idade Media na qual o tempo é alvo de determinações sociais e naturais:

[...] o tempo rural: leigo e clerical;
O tempo dos mercadores: tempo urbano;
O tempo religioso;

³¹ Renascimento num sentido muito restrito na opinião de alguns, porque limitadíssimo - atingindo quase exclusivamente o alto clero e parte da nobreza - tanto na sua duração como no seu alcance e atingido só uma parte da cultura.

³² Atualmente Paris.

³³ Atualmente Wijk bij Duurstede (Holanda).

³⁴ HASKINS, Charles Homer, *The Renaissance of the 12th Century*. New York: Meridian Books, 1957, p. 3-

³⁵ Porto 09/09/2015

A idade do mundo, das eras e dos estilos;
O tempo do Oriente Medieval: visão ocidental.

Leandro Duarte Rust, por sua vez, afirma que não é algo fora de comum pensar que este tempo místico cosmológico é avesso à racionalidade atribuído por Le Goff ao Medievo, pois

[...] parece ser fruto de uma leitura impressionista das fontes, [...] parece privilegiar os vestígios do passado que apresentam os clérigos medievais absorvidos pelo sobrenatural e pelo misterioso, negligenciando outras fontes em que esses clérigos se mostram interessados pelas exigências e necessidades geradas pela existência neste mundo³⁶.

Tudo o que Leandro Rust, porém, afirma não invalida o que Le Goff apresenta quando este fala de uma representação clerical do tempo, como acontece no mundo rural; um tempo marcado pelas estações e pelo desenvolver da celebração da história da salvação, culminando na festa das Páscoa; da mesma forma também se santifica os dias da semana por meio da *Lectio Divina*, chegando ao *dia Domenicus*, dia de repouso no Senhor, em que os pensamentos e celebrações se centralizam no Ressuscitado. Afinal, é o tempo de Deus, de que se comemora a grande obra da Redenção, representada na Primeira Aliança e realizada na Segunda: é o tempo litúrgico. O tempo rural está, também, sob o signo de Deus, como mundo criado, com sua sucessão de estações, o tempo de semear e colher, afinal dependendo da natureza, a maravilhosa e reveladora ordem da criação de Deus.

O tempo, conseqüentemente, é sagrado e a vida monástica é considerada uma expressão básica da vida ordenada por Deus: o ritmo da vida é determinada pelo sol – no seu percurso pelo firmamento - pelo canto do galo, pela sucessão das estações. O caráter sacral deste tempo acentua-se pela oração cantada das horas das Matinas até as Completas. Este tempo é também sacramental, cheio de significado que se ancora na vida do cristão no seu acompanhamento e na sua missão: tempo de nascimento: batismo; tempo de crescimento: crisma ou confirmação, eucaristia, penitência; tempo de maturidade: matrimônio; tempo de ministério no exercício da ordem, e, afinal, tempo de ajuda no caminho, às vezes atribulado, da vida: a unção dos enfermos.

³⁶ RUST L.D. Jacques Le Goff e as representações do tempo na Idade Média. *Revista da História e Estudos Sociais*. Abril/maio/junho de 2008, vol.5, Ano VB, n° 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Rust insiste neste ponto em outros trechos do seu estudo. Ele abordou o mesmo tema no estudo: Tempo e cultura clerical na Idade média central. Um balanço histórico. *Klepsidra*. Disponível em: www.klepsidra.net5/klepsidra24/culturaclerical.htm.

O outro, ou segundo tempo que parece se insinuar no decorrer e, muitas vezes, concomitantemente, é o do tempo do mercador, do homem da cidade. Seu tempo é diferente, marcado pela árdua luta pela sobrevivência, muitas vezes em circunstâncias adversas, como a exploração e a obrigação de, junto com os agricultores formando a classe dos *laboratores*, garantir a sobrevivência dos *oratores* – o clero – e dos *bellatores* – a nobreza. A medição do tempo torna-se, neste contexto, importante e assim se vê, aos poucos, o surgimento do relógio, entre outros os famosos relógios d'água – as clepsídras - e sua presença nos edifícios das prefeituras das cidades medievais, para lembrar os cidadãos que trabalhar e chegar na hora é seu dever. Junto com os sinos das igrejas, convocam para eventos cívicos importantes, advertem quando perigos assolam as cidades, como guerra, peste e outras fatalidades, como incêndios, inundações, entre outras.

Muito se poderia relatar a respeito do tempo do mercador, sem dúvida, muito dramático. Isto se torna revelante numa história, contada por Le Goff³⁷. Em 1128, pegou fogo e foi destruída a pequena cidade de Dods, em frente à Colônia, do outro lado do Reno. O abade do mosteiro de Santo Ediberto, o celebre teólogo Rupert, muito apegado às tradições, viu nesse fato a cólera de Deus castigando o local, que – arrastado pelo desenvolvimento de Colônia, se transformara em templo de trocas e antro de infames mercadores e artífices. A partir daí, com auxílio da Bíblia, esboçou uma história antiurbana da humanidade. O inventor das cidades e o primeiro construtor delas foi Caim. Nisto foi imitado por todos os maus, pelos tiranos e pelos inimigos de Deus. Pelo contrário, os patriarcas e de um geral os justos, os que temem a Deus, viveram sempre na tendas do deserto. Instalar-se nas cidades é escolher o mundo, e de fato o desenvolvimento urbano favorece o incremento da ideia e o instinto da propriedade, uma mentalidade nova, ligada a uma vida ativa em detrimento da vida contemplativa.

De modo especial, ainda, encontramos no auge do Tempo Medieval – o das universidades - como uma variante, o tempo dos intelectuais, caracterizado por um ritmo especial: o das *lectiones*, das *quaestiones disputatae*, seja específicas ou *quodlibetianas*; tempo também marcado pelo avanço na longa luta de vários anos para chegar aos graus acadêmicos e a ascensão da vida profissional, seja na área laica ou religiosa³⁸.

³⁷ Cf. LE GOFF, Jacques, *História da Civilização*, vol. 1.

³⁸ LE GOFF, J., *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro, Editora José Olímpio, 2003.

Conclusão

O tema desenvolvido neste ensaio/conferência é incontestavelmente riquíssimo; muitos outros aspectos, não apresentados, poderiam – até mereceriam – ser desenvolvidos e aprofundados. Isto, porém, exigiria muito mais pesquisa, e, também mais tempo. As reflexões aqui oferecidas, porém, se poderão tornar um caminho de maiores aprofundamentos neste campo.

Obrigado.

**Jan G.J. ter Reegen*

Doutor em Filosofia Medieval pela PUCRS

DL em Filosofia Antiga pela UECE

Prof. Titular da FCF

Prof. Emérito da UECE